



## GEOGRAFIA URBANA E INTERSECCIONALIDADE: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DOS ANAIS DO SIMPURB 2017, 2019, 2022.

Naiara Souza de Almeida Dias<sup>1</sup>

Helaine de Souza Araújo<sup>2</sup>

Larissa Araújo Coutinho de Paula<sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a presença da análise interseccional nas publicações do Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB) nas edições de 2017, 2019 e 2022. O SIMPURB, é um evento bienal, criado em 1989 como uma iniciativa de pensadores da Geografia para refletir sobre o Brasil urbano. A pesquisa bibliográfica mapeia e analisa como essa abordagem é utilizada nas pesquisas da Geografia Urbana, através do levantamento e sistematização dos artigos publicados nas três últimas edições do Simpósio, com foco na temática da interseccionalidade. O método utilizado consistiu em levantamento bibliográfico e sistematização dos artigos publicados no Simpósio, organizados por grupo de trabalho e termos descritores, tais como: interseccionalidade, raça/negro(a), gênero/mulher, corpos, identidade e sexualidade.

**Palavras-chave:** interseccionalidade, cidade, espaço urbano, SIMPURB.

### RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar la presencia del análisis interseccional en las publicaciones del Simposio Nacional de Geografía Urbana (SIMPURB) en las ediciones de 2017, 2019 y 2022. El SIMPURB es un evento bienal creado en 1989 como una iniciativa de pensadores de la Geografía para reflexionar sobre la urbanización en Brasil. La investigación bibliográfica mapea y analiza cómo se utiliza este enfoque en las investigaciones de Geografía Urbana, a través del levantamiento y sistematización de los artículos publicados en las tres últimas ediciones del Simposio, con énfasis en la temática de la interseccionalidad. El método utilizado consistió en el levantamiento bibliográfico y sistematización de los artículos publicados en el Simposio, organizados por grupo de trabajo y términos descriptores como: interseccionalidad, raza/negro(a), género/mujer, cuerpos, identidad y sexualidad.

**Palabras clave:** interseccionalidad, ciudad, espacio urbano, SIMPURB.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Geografia PPGEU/UESB, [naiarasadias@gmail.com](mailto:naiarasadias@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Geografia PPGEU/UESB, [helainemp@gmail.com](mailto:helainemp@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Pós Doutora em Geografia pela UESB, [larissa.coutinho@unesp.br](mailto:larissa.coutinho@unesp.br).

Santos (1987, p.81) enfatizou que "cada homem vale pelo lugar onde está". Em uma sociedade capitalista, fundamentada na propriedade privada, o valor de um indivíduo está diretamente relacionado ao espaço que ele habita. No entanto, o lugar ao qual o corpo ocupa, por si só, não é suficiente para explicar as complexas relações de construção de identidade e valor individual perante a sociedade. O "valor social" de um indivíduo está intrinsecamente ligado a uma série de marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça, etnia e outros, que condicionam a forma como o sujeito é apreendido, percebido e recebido na sociedade.

É no bojo das lutas de classe e dos movimentos sociais, que a necessidade da apreensão do espaço urbano começa a ter na análises interseccional um caminho possível para a para a compreensão de como as relações entre raça, gênero, classe e outros marcadores se manifestam nos espaços urbanos de uma sociedade capitalista, que frequentemente oprime e negligencia parcelas da população, negando-lhes o direito à cidade. Torna-se evidente que há marcadores de diferença interligados nessa população, que geralmente é composta em sua maioria por pessoas associadas às "3Ps" - pobres, pretas e periféricas.

A produção da cidade e do urbano tem sido um tema recorrente nos estudos geográficos, muitos dos quais têm sido interpretados à luz do marxismo e do materialismo histórico-dialético. Essa perspectiva teórica tem como base a apreensão dos fenômenos a partir das relações de poder e exploração da classe operária pela burguesia. No entanto, a abordagem interseccional tem surgido como um caminho possível nos estudos geográficos relacionados à Geografia Urbana. Convém frisar que a interseccionalidade não exclui a classe. A classe é um dos marcador basilar na análise interseccional.

A análise interseccional é empregada tanto como método interpretativo quanto como método investigativo, permitindo a compreensão dos diversos fenômenos que ocorrem na cidade e no urbano a partir da intersecção de diferentes marcadores sociais, tais como gênero, raça, classe, orientação sexual, entre outras.

Com o propósito de refletir sobre caminhos possíveis para a construção de um método que permita compreender os diversos fenômenos que ocorrem na produção da cidade, este artigo apresenta uma análise das publicações do Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB. O estudo se concentra nas edições XV, XVI e XVII do evento, bem como no livro "Geografia Urbana: 30 anos do Simpósio Nacional de Geografia Urbana Cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos", que compila

as mesas-redondas do XVI simpósio. O objetivo é sistematizar as informações contidas nas publicações e investigar a presença da interseccionalidade nas análises realizadas. O artigo apresenta uma síntese conclusiva dos trabalhos desenvolvidos, ressaltando a análise interseccional como um caminho possível para compreender os fenômenos urbanos.

## **METODOLOGIA**

A metodologia empregada nesta pesquisa consistiu em uma análise documental das publicações do Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB) e do livro "Geografia Urbana: 30 anos do Simpósio Nacional de Geografia Urbana - Cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos". O escopo da análise abrangeu os trabalhos aceitos para apresentação e publicação nas edições XV, XVI e XVII do evento, que ocorreram nos anos de 2017, 2019 e 2022, respectivamente.

O processo de coleta de dados teve início com uma busca sistemática nas bases de dados digitais dos anais do SIMPURB e do referido livro. Durante essa fase, utilizamos os seguintes termos descritores: "interseccionalidade," "raça/negro(a)," "gênero/mulher," "corpos," "identidade" e "sexualidade." Ao encontrar dois ou mais dos termos descritores, realizou-se a leitura dos resumos dos artigos. Em caso de quando identificação de uma abordagem interseccional, procede-se com a leitura completa do artigo. Os dados obtidos foram posteriormente organizados em uma planilha eletrônica, estruturada por grupos de trabalho, visando a sistematização e categorização das informações coletadas.

A análise dos dados foi conduzida por meio da elaboração de quadros, o que permitiu uma visualização eficaz da distribuição das temáticas abordadas nos trabalhos e das referências teóricas utilizadas nas publicações. Adicionalmente, realizou-se uma leitura crítica dos textos, com o intuito de identificar tendências e lacunas nas abordagens interseccionais presentes nas publicações do SIMPURB.

Por fim, os resultados foram discutidos em relação aos objetivos do estudo, a partir de uma síntese das principais conclusões obtidas. A metodologia empregada neste estudo, que foca na sistematização e análise de informações, permitiu uma abordagem sistemática e rigorosa na identificação das tendências e lacunas observadas nas publicações do SIMPURB relacionadas à abordagem interseccional.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Embora tenha sido cunhado pela professora, jurista e ativista negra norte-americana Kimberlé Crenshaw no início da década de 1990 como uma proposta política, a abordagem interseccional como método de análise de fenômenos já era utilizada muito antes. Na literatura sobre o tema, é consenso que o debate interseccional da produção de identidades e formação de estruturas sociais não pode escapar da articulação entre diferentes categorias sociais definidas nos termos de raça, gênero, classe, entre outras (Libardi; Jacks, 2002).

De acordo com Rocha (2022), compreender a interseccionalidade como um marco conceitual e uma proposta política confere aos pesquisadores a capacidade de desvelar marcadores sociais subjugados, garantindo singularidade às múltiplas existências dos sujeitos coletivos. Nesse sentido, Silva (2009) observa que a abordagem interseccional na análise geográfica teve seus primórdios em estudos que buscavam compreender a relação entre espaço e gênero sob uma ótica da geografia cultural. Para a autora, tal abordagem configura-se como um caminho analítico capaz de abordar a complexidade que envolve identidades em constante processo de redefinição e sua relação com o espaço.

Além disso, Rocha (2022) destaca que a interseccionalidade emergiu em diversas disciplinas acadêmicas, incluindo a Geografia, por meio de estudos inter e transdisciplinares que exploram conexões interligadas. Ela permeia discussões que tensionam e complexificam análises sociais, buscando compreender as diversas configurações das relações sociais, que, por sua vez, são também relações espaciais (Rocha, 2022, p. 96).

Santos (1987) postulou que o valor de um indivíduo é determinado pelo local em que habita e pela área do espaço que seu corpo ocupa, conforme expresso em sua afirmação:

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas (Santos, 1987, p. 81).

Em uma sociedade capitalista, na qual a propriedade privada é um dos pilares fundamentais, o valor do indivíduo está intrinsecamente relacionado ao metro quadrado que ocupa, mas isso não é suficiente para explicar a construção de identidade e valor na sociedade.

Além disso, o "valor social" do indivíduo é influenciado por marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça e etnia, entre outros, que moldam a forma como o indivíduo é percebido, interpretado e tratado pela sociedade.

Na esteira das lutas de classe e dos movimentos sociais, a compreensão do espaço urbano passou a demandar abordagens interseccionais para compreender como as relações de raça, gênero, sexualidade e outros marcadores se manifestam nos espaços das cidades capitalistas, que frequentemente oprimem e negligenciam parte da população, negando-lhes o direito à cidade. Isso revela que marcadores de diferença se interconectam, em grande parte associados ao que tem sido denominado como "3Ps" - pobreza, pretitude e periferia.

Embora a análise geográfica tenha historicamente deixado em segundo plano os debates sobre raça, gênero e sua relação na produção segregada e opressora do espaço urbano, a compreensão das desigualdades, da fragmentação socioespacial e da segregação não pode ser dissociada das cidades capitalistas, da mercantilização do espaço e de sua valorização. Como argumenta Carlos (2005):

A discussão do valor do espaço nos remete a idéia do espaço mercadoria, é a forma através da qual o espaço é apropriado e aparecerá como propriedade de alguém. Trabalhar com a forma de propriedade territorial significa estudar o caráter geral das relações espaciais de produção e de monopólio de certas pessoas que está pressuposto na propriedade e que dá a elas o direito de dispor de determinadas parcelas do espaço geográfico como esfera privada, excluindo os demais membros da sociedade e determinando como tal parcela será utilizada e qual classe social que irá desfrutá-la. Isto se expressará na segregação espacial fruto da diferenciação de classe, se seu poder econômico, político e social (CARLOS, 2005, p. 47 ).

A perspectiva interseccional enfatiza que a análise da produção urbana não deve ser limitada apenas às lutas de classe, que, embora fundamental, não conseguem abranger plenamente a complexidade da segregação, particularmente no aspecto social. Nesse contexto, Moutinho (2014) observa que "muitas reflexões recentes sobre a formação das diferenças e a análise das desigualdades sociais têm se voltado para a exploração dos marcadores sociais da diferença" (p. 03).

A compreensão dos marcadores sociais da diferença é essencial para desvendar como as desigualdades são socialmente construídas, resultando na formação de hierarquias entre as pessoas. Cada indivíduo é caracterizado por uma combinação de características biológicas, como raça, cor, gênero e idade, bem como construções sociais, como classe, religião e sexualidade, que levam à atribuição de diferentes valores sociais. A análise desses marcadores revela como a sociedade trata grupos minoritários e sub-representados, e somente ao compreender a intersecção entre esses marcadores é possível perceber que algumas diferenças

tem um impacto mais significativo do que outras, levando à negação de direitos e espaços.

Portanto, ao buscar compreender a produção socioespacial de uma cidade, é imperativo analisar quem ocupa determinadas áreas e como esses corpos se relacionam com o espaço urbano. A análise interseccional, que considera a interconexão entre diferentes marcadores sociais da diferença, é fundamental para essa compreensão.

Ao considerar a interseccionalidade dos marcadores sociais da diferença, podemos perceber que diferentes grupos sociais ocupam lugares distintos na cidade, e são submetidos a diferentes formas de opressão e privilégio. Isso se manifesta, dentre outros aspectos, na concentração de mulheres negras em áreas periféricas, enquanto homens brancos ocupam espaços mais valorizados e nobres. Compreendendo essas dinâmicas, é possível abarcar a totalidade dos fenômenos sociais, históricos e políticos que contribuem para a produção socioespacial da cidade. Essa perspectiva permite uma reflexão crítica sobre como a cidade é produzida e abre caminhos para transformações sociais em direção a uma cidade mais justa.

O espaço da cidade pode ser entendido enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais, culturais e de gênero, no entanto, sujeitos que estão às margens da sociedade capitalista e patriarcal, como as mulheres, mas que também se aplicam aos pobres, os negros, gays ou pessoas com deficiências físicas, tiveram suas existências inviabilizadas nas análises geográficas. Conforme argumentado por Silva (2009):

A expressão de que o espaço geográfico é a materialização da sociedade e de que toda a existência humana é espacial é uma concepção plenamente aceita pelos cientistas da geografia. Contudo, nem toda a humanidade esteve expressa no conhecimento geográfico (... ) Neste sentido, o espaço é uma categoria fundamental no enriquecimento do conceito de interseccionalidade, ainda negligenciado pelas demais ciências sociais, assim como esse conceito pode enriquecer as análises geográficas, contemplando a diversidade, a fluidez e a complexidade das identidades sociais” (Silva, 2009, p.54).

De acordo com Robaina (2020, p.214), o espaço urbano é um lugar privilegiado para a análise das relações sociais de poder, pois é nele que a história social se reproduz através de dispositivos presentes nos espaços públicos, privados e institucionais. Para o autor, é difícil separar a colonialidade da produção do espaço urbano e da vida cotidiana nas cidades brasileiras.

A teoria da interseccionalidade se baseia no estudo das múltiplas identidades sociais que uma pessoa pode ter e como elas se sobrepõem e interagem para produzir opressão, dominação ou discriminação. Quando aplicada à pesquisa sobre a cidade e o urbano, a perspectiva interseccional permite uma análise mais completa das dinâmicas sociais que moldam a construção da identidade dos sujeitos e a produção do espaço urbano. Compreender as

interseções entre as várias dimensões da identidade pode ajudar a elaborar políticas urbanas que sejam mais efetivas na redução das desigualdades na cidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB) é um evento bienal que teve sua primeira edição em 1989, realizada na Universidade de São Paulo (USP). Desde então, o SIMPURB se consolidou como o principal encontro acadêmico na área de Geografia Urbana no Brasil, desempenhando um papel fundamental na difusão de conhecimentos e na promoção de debates relevantes sobre questões urbanas.

No ano de 2019, o SIMPURB celebrou seu trigésimo aniversário com a realização da XVII edição. Em comemoração à essa marca significativa, foi publicado o livro intitulado "Geografia Urbana: Cidades, Revoluções e Injustiças: Entre Espaços Privados, Públicos, Direito à Cidade e Comuns Urbanos". Esta obra reúne reflexões e contribuições de pesquisadores acerca de temas pertinentes à produção do espaço urbano e às desigualdades socioespaciais presentes nas cidades brasileiras.

O objetivo deste estudo consiste em analisar a presença e a abordagem da interseccionalidade nas publicações dos anais do SIMPURB, tomando como base as edições XV, XVI e XVII do simpósio, realizadas nos anos de 2017, 2019 e 2022, respectivamente. Para alcançar esse propósito, a pesquisa englobou um levantamento abrangente, catalogação minuciosa e sistematização das publicações provenientes dessas edições. No entanto, cabe ressaltar que, inicialmente, a intenção era efetuar esse levantamento abarcando as últimas cinco edições do evento, porém, os anais referentes aos anos de 2013 e 2015 não se encontram disponíveis em formato digital.

A XV edição do Simpósio Nacional de Geografia Urbana - SIMPURB foi realizada em Salvador, Bahia, no ano de 2017, e contou com uma diversidade de grupos de trabalhos (GTs), como: 1) A produção do urbano: abordagens e métodos de análise; 2) Cidade e urbano na Bahia: dinâmicas e processos recentes; 3) Economia urbana, trabalho, comércio e consumo; 4) Estado, grandes projetos e planejamento corporativo; 5) Geografia histórica urbana; 6) Geografia urbana dos lazers; 7) Geotecnologias e Análise Espacial no espaço urbano; 8) MetrÓpole, metropolização e dinâmica espacial contemporânea; 9) Mobilidade, migração e espaço urbano; 10) Práticas culturais na produção da cidade; 11) Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica; 12) Redes urbanas e cidades médias: das noções aos conceitos, métodos e teorias; 13) Reestruturação Urbana: agentes, redes, escalas e processos espaciais; 14) Reestruturação



Urbanos agentes, redes, escalas e processos espaciais; 15) Território e ativismos sociais urbanos; e 16) Transformações no campo e nas cidades em um contexto de globalização e metropolização.

A pesquisa relativa à presença da abordagem interseccional nas publicações dos anais do XV SIMPURB iniciou-se com o acesso ao site de publicações da referida edição, por meio do endereço eletrônico disponibilizado: (<http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br/>). A partir desse ponto, procedeu-se com buscas utilizando termos descritores relevantes, tais como "interseccionalidades," "raça/negro(a)," "gênero/mulher/homem," "corpos," "etnia" e "sexualidade". Todos os resultados obtidos foram sistematizados em uma planilha para posterior análise e interpretação. Importante ressaltar que a mesma metodologia e abordagem foram aplicadas na análise dos anais da XVI edição do SIMPURB, realizada em 2019. No entanto, é importante mencionar que os anais das edições de 2013 e 2015 não estavam disponíveis em formato digital, e os anais do ano de 2022 ainda não foram publicados no momento da escrita do artigo, o que limitou a inclusão desses anos na pesquisa.

**Quadro 01: Artigos do XV SIMPURB por termos descritores.**

<b>Descritores</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Grupo de Trabalho</b>	<b>Palavras-chaves</b>
Corpos	2017	Os processos de distinção territorial: a circulação dos corpos na cidade do Rio de Janeiro	GT 1- A produção do urbano: abordagens e métodos de análise	produção social do espaço; racismo; segregação sócio-espacial.
Gênero/mulheres	2017	A resignificação da vida cotidiana: as mulheres idosas na cidade contemporânea.	GT 10- Práticas culturais na produção da cidade	Cidade, mulheres idosas, espaço simbólico
Raça/Negro	2017	Porto Maravilha e camadas soterradas: cais do valongo e instituto dos pretos novos na construção da memória negra da zona portuária do Rio de Janeiro	GT 4-Estado, grandes projetos e planejamento corporativo	Formação socioespacial, Porto Maravilha, memória negra.





gênero/ raça/ sexualidade/ identidade	2017	A cidade e a prostituição: evolução da territorialidade “trans” em Feira de Santana-Ba, entre os anos 1970 até os dias atuais.	GT-15: Cidade e urbano na Bahia: dinâmicas e processos recentes	Territorialidade, Identidade, Práticas Culturais.
corpo/ negro	2017	O corpo e o valor: formas desdobradas da contenção no escopo metropolitano	GT-9: A produção do urbano: abordagens e métodos de análise	corpo; dispêndio; valor; contenção; metrópole.
identidade	2017	Territorialidades haitianas em Cuiabá/MT: reflexões iniciais	GT-5: Mobilidade, migração e espaço urbano	Trabalho, Sociabilidades, Identidade, Urbano.
gênero/ raça/ etnia/ sexualidade/ identidade	2017	O lugar da luta em Belo Horizonte: o espaço na atuação dos ativismos urbanos	GT-6: Território e ativismos sociais urbanos	Ativismos Urbanos; Espaço; Protestos de Rua; Belo Horizonte
mulheres/ etnia	2017	Migração e modernização nacional: transformações contemporâneas na mobilidade do trabalho	GT-5: Mobilidade, migração e espaço urbano	mobilidade do trabalho; migração; modernização brasileira.
identidade/	2017	Territorialidades haitianas em Cuiabá/MT: reflexões iniciais	GT-5: Mobilidade, migração e espaço urbano	Trabalho, Sociabilidades, Identidade, Urbano.

etnia/ identidade	2017	A presença indígena na produção do espaço urbano amazônico	GT – 10: Práticas Culturais na produção Da cidade	Urbanização; Povos Indígenas; Amazônia.
corpo/ identidade/ negro	2017	O reconhecimento popular da capoeira no espaço urbano de Santo Antônio de Jesus-ba	GT- 10: Práticas culturais na produção da cidade.	Espaço urbano; Capoeira; Corporeidade.
identidade/ gênero/ sexualidade	2017	Manifestações culturais e direito à cidade em Juiz de Fora – MG	GT- 10: Práticas culturais na produção da cidade.	cidade, cultura, direito à cidade
corpo/ identidade// negro/	2017	Jovens umbandistas na cidade: auto-apresentações na reinvenção do espaço público	GT- 10: Práticas culturais na produção da cidade.	Auto-apresentação, estética de atitude, espaço público.
gênero/ identidade	2017	Juventude, território e ativismos nas periferias da metrópole. notas sobre uma pesquisa.	GT: 06. Território e ativismos sociais urbano.	Juventude. Ativismos. Território. Periferia.
gênero/ raça/ classe/ orientação sexual	2017	Ocupação da escola de arquitetura e design da UFMG: um exercício de autonomia coletiva	GT – 06: Território e ativismos sociais urbanos	Autonomia; Ocupação; Território.
negro/ identidade	2017	O conflito entre os espaços concebido e vivido na produção do espaço do Bairro Maré, Rio de Janeiro: às práticas espaciais culturais como forma de luta pelo direito à cidade	GT-10: Práticas culturais na produção da cidade	Espaço concebido; espaço vivido; práticas espaciais culturais; bairro Maré; direito à cidade.



Na XV edição do SIMPURB, não foi encontrado um grupo de trabalho específico que tratasse da interseccionalidade na produção do espaço urbano, e o termo “interseccionalidade” não foi citado nos artigos analisados. No entanto, é importante notar que todos os artigos apresentaram uma análise interseccional dos temas propostos. Essa abordagem foi adotada a partir da perspectiva da geografia cultural, na qual a cultura é compreendida como significados, desempenhando um papel essencial na seleção dos objetos de investigação dos geógrafos, como indicado por Corrêa (2009).

Por ser uma abordagem, um modo de olhar a realidade, uma interpretação daquilo que os outros grupos pensam e praticam, a geografia cultural não é definida por um objeto específico, como a própria cultura, concebida segundo o senso comum ou segundo uma visão abrangente. A geografia cultural está focalizada na interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas (Corrêa, 2009, p.05).

Analisando os resultados da pesquisa, observa-se que, dos 274 artigos publicados na XV edição do SIMPURB, apenas 16 incorporam uma abordagem interseccional com a presença dos termos descritores pesquisados. É relevante destacar que esses artigos estão distribuídos em diferentes grupos de trabalho, com uma concentração maior nos GTs de Práticas culturais na produção da cidade e Território e ativismos sociais urbanos.

Esses resultados sugerem a possibilidade de uma falta de atenção à perspectiva interseccional na produção acadêmica em Geografia Urbana ou talvez uma lacuna no entendimento sobre como aplicar esse conceito a diferentes temas relacionados ao espaço urbano. É fundamental ressaltar que a perspectiva interseccional pode desempenhar um papel significativo na elaboração de políticas urbanas mais eficazes, uma vez que considera as múltiplas identidades dos sujeitos envolvidos e suas interações com os sistemas de opressão presentes na sociedade.

A XVI edição do SIMPURB foi realizada em Vitória, no Espírito Santo, e contou com 17 grupos de trabalho que abordaram temas diversos relacionados à produção do espaço urbano. Esses grupos foram organizados em torno de diferentes temas, como: 1: Reestruturação urbana e econômica na produção do espaço: agentes e processos; 2: Metrôpole, metropolização e dinâmica espacial contemporânea; 3: Cidades médias e reestruturação urbana: tendências empíricas e desafios teóricos; 4:- Economia urbana, trabalho, comércio e consumo.-5: Mobilidade, migração e espaço urbano;6: Território e ativismos sociais urbanos;7: Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica;8: Geografia histórica urbana;-9: A produção do



urbano: abordagens e métodos de análise; 10: Práticas culturais na produção da cidade; 11: Os lazes na (re)produção do urbano; 12 Estado, grandes projetos e planejamento corporativo; 13: Transformações no campo e nas cidades em um contexto de globalização, 14: Geotecnologias e Análise Espacial no espaço urbano. 15: Brasil Não-Metropolitano: Temporalidades e Espacialidades Urbanas. 16: Produção e reprodução do espaço urbano- teoria e prática. -17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunidades Tradicionais.

Para a pesquisa na XVI edição, a mesma metodologia adotada na XV edição foi utilizada, com acesso aos anais do evento pelo site <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/issue/view/1096> e a busca pelos termos descritores, como "interseccionalidades," "raça/negro(a)," "gênero/mulher/homem," "corpos," "etnia," e "sexualidade." Os dados obtidos foram sistematizados e analisados, seguindo os procedimentos adotados na edição anterior, a fim de verificar a presença da abordagem interseccional nos artigos apresentados.

**Quadro 02: Artigos do XVI SIMPURB por termos descritores**

<b>Descritor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Grupo de Trabalho</b>	<b>Palavras-chaves</b>
interseccionalidade gênero	2019	Cultura e política nos movimentos urbanos: do direito à cidade à interseccionalidade	GT-9: A produção do espaço urbano: abordagens e métodos de análise	Movimentos sociais metropolitanos, cultura e política, direito à cidade.
interseccionalidade	2019	Interseccionalidade, sexualidade e identidade de gênero: um estudo exploratório sobre territórios e territorialidades da comunidade lgbti+ em Belo Horizonte	GT-6: Território e ativismos sociais urbanos	LGBTI+ Territorialidades. Interseccionalidade
Raça	2019	Divisões social, racial e sexual do trabalho na produção do espaço urbano.	GT – 07: Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica	Classe social; Raça; Relações sociais de sexo

Gênero	2019	Áreas periféricas como espaços de segregação e resistência e a formação político-cultural nos movimentos funk e hip hop	GT – 6: Território e ativismos sociais urbanos	Movimentos político-culturais; Raça; Gênero
Gênero	2019	A territorialização do capital no brasil e o risco ambiental e existencial para os pescadores artesanais: o início de um debate	GT – 17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino da Cidade e das Comunidades Tradicionais	Territorialização do Capital; Pescadores Artesanais; Risco Ambiental e Existencial
Gênero	2019	A questão do alimento no espaço urbano e o trabalho doméstico feminino	GT-9: A produção urbana: abordagens e métodos de análise	Alimento. Mulheres. Espaço privado
Gênero	2019	segregação socioespacial em cidades litorâneas no estado de são paulo: indagações conceituais e particularidades das cidades da baixada santista	GT – 1: Reestruturação urbana e econômica na produção do espaço: agentes e processos	Segregação Socioespacial; Cidades Litorâneas; Região Metropolitana da Baixada Santista
negro(a)	2019	A cidade e o cárcere privação de tempo e espaço em franco da rocha, sp	GT – 9: A produção urbano: abordagens e métodos de análise.	prisão, urbanização crítica, metrópole
negro (a)	2019	Suburbanos infelizes, favelados despejados: o ensino de cidade através da literatura negra	GT – 17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunidades Tradicionais.	Ensino, Cidade, Multiculturalismo.

negro (a)	2019	Abordagem territorial e questão quilombola na virada territorial em geografia	GT – 6: Território e Ativismos sociais urbanos	Território, Quilombola, Ressemantização.
Corpos	2019	Ritual e performance na criação do espaço público na festa de iemanjá em Fortaleza (ce)	GT – 6: Território e Ativismos sociais urbanos	Espaço público, ritual, performance.
identidade/ corpo	2019	O ensino de geografia enquanto possibilidade de abordagem do direito à cidade e cidadania	GT – 17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunicações Tradicionais.	Ensino de Geografia, Cidade, Direito à cidade
identidade/ etnia	2019	(des) Encontros entre etnicidade indígena e urbanização na Amazônia	GT – 09: A produção do urbano: abordagens e métodos de análise	Etnicidade Indígena; Urbanização; Amazônia.
Identidade	2019	Controle e modelagem da paisagem urbana: o conjunto São Vicente de Paulo e a reapropriação cultural do espaço.	GT – 10: Práticas culturais na produção da cidade.	Urbanismo; Paisagem Urbana; Favela; Identidade.
identidade/	2019	A cidade no ensino de geografia em escolas públicas em goiânia- go: percepção dos alunos a partir de imagens	GT – 17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunidades Tradicionais	Paisagens, Percepções, Imagens e Ensino de Geografia.
identidade/ mulher/ homem/	2019	Migrantes brasileiros nos Estados Unidos: as novas tendências migratórias pensadas através da mobilidade do trabalho e produção e reprodução do espaço urbano	GT – 5: Mobilidade, Migração e Espaço Urbano	Perfil Migratório, Mobilidade do Trabalho e Brasileiros nos Estados Unidos.
Identidade	2019	Movimentos de resistência e cultura na	GT-10: Práticas culturais na	resistência; intervenções

		cidade de Natal-RN: a criação dos lugares a partir das intervenções temporárias.	produção da cidade	temporárias; apropriação.
identidade/	2019	Os camelôs de Belo Horizonte/MG na perspectiva da territorialidade urbana	GT – “6”: “Território e ativismos sociais urbanos”	Espaço Urbano; Território; Trabalho Informal;

Organizado pela autora: 2022

Na XVI edição do SIMPURB, identificaram-se 19 artigos que utilizaram os descritores pesquisados, dentre um total de 258 publicações. Essa edição demonstrou uma mudança significativa em relação à edição de 2017. Em 2019, o conceito de "interseccionalidade" emergiu nos textos, aparecendo em dois artigos, um no título e outro nas palavras-chave, o que indica a incorporação da interseccionalidade como teoria no contexto da pesquisa do evento. Além disso, o termo "sexualidade" foi mencionado pela primeira vez nas publicações, o que não ocorreu na XV edição.

Outro fator relevante na XVI edição do SIMPURB, no contexto da discussão da interseccionalidade na geografia urbana, foram as ocorrências de mesas temáticas. Na mesa 03, intitulada "Escalas, culturas e decolonialidade: novas perspectivas em geografia urbana", e na mesa 04, "Fragmentações, segregações, violência e urbidicídio nas cidades brasileiras", houve uma defesa para a adoção de uma abordagem interseccional nas pesquisas de geografia urbana. Os debatedores dessas mesas contribuíram com textos que compuseram o livro de comemoração dos 30 anos do evento e forneceram valiosas contribuições que destacaram a análise interseccional como um caminho essencial para compreender tanto a totalidade quanto as particularidades dos fenômenos urbanos.

Serpa (2020) abordou a complexidade do espaço urbano, questionando quantas cidades podem coexistir dentro de uma mesma cidade. Essa pergunta evidencia a multiplicidade de práticas, narrativas, processos, segmentos e grupos sociais influenciados por hierarquias culturais, relações de classe, gênero, sexualidade e etnia-raciais. O autor argumenta que, ao se abordar a diversidade social nas pesquisas, é necessário adotar conceitos e categorias diferentes dos utilizados em uma abordagem centrada na desigualdade social, levando em consideração dados e recortes distintos. Quando a diversidade é o foco, é fundamental explorar questões e processos identitários associados a conceitos como hegemonia e contra-hegemonia, resistências

urgências. Dessa forma, a dimensão espacial dos processos sociais requer uma reflexão sobre como a diversidade e a desigualdade influenciam a produção do espaço.

Oliveira (2020), em seu texto "A luta antirracista decolonizando o urbano carioca", destacou a importância da interseção entre idade, raça e território para entender os principais afetados pela violência letal no Brasil. O autor concluiu que os jovens negros do sexo masculino que residem nas favelas e periferias das cidades brasileiras são os mais afetados. Essas identidades múltiplas resultam em segregação e fragmentação socioespacial nas cidades contemporâneas, afetando a apropriação desigual do espaço urbano e negando direitos a uma parcela da população, inclusive o direito à vida. A análise interseccional, portanto, é essencial para compreender a complexidade da violência urbana e suas implicações para diferentes grupos sociais.

Em 2022, ocorreu a XVII edição do SIMPURB em Curitiba, Paraná, que abordou diversas temáticas relevantes para a Geografia Urbana por meio de seus 17 grupos de trabalho. GT 01 - Brasil não-metropolitano: temporalidades e espacialidades urbanas; GT 02 - Cidades médias e reestruturação urbana: tendências empíricas e desafios teóricos; GT 03 - Crise e crítica: a urbanização contemporânea e os limites da reprodução social; GT 04 - Economia urbana, trabalho, comércio e consumo; GT 05 - Estado, grandes projetos e planejamento corporativo; GT 06 - Geografia e apropriação urbana ensino de cidade e das comunidades tradicionais GT 07 - Geografia histórica urbana; GT 08 - Geotecnologias e análise espacial no espaço urbano; GT 09 - Metrôpole, metropolização e dinâmica espacial contemporânea; GT 10 - Mobilidade, migração e espaço urbano; GT 11 - Práticas culturais na produção da cidade; GT 12 - Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica; GT 13 - Produção e reprodução do espaço urbano – teoria e prática; GT 14 - Reestruturação urbana e econômica na produção do espaço: agentes e processos; GT 15 - Território, conflitos e ativismos sociais urbanos; GT 16 - Transformações no campo e nas cidades em um contexto de globalização; GT 17 - Urbanização, turismo e lazeres.

O tema proposto para a edição foi "A produção do urbano e a urgência da práxis transformadora: teorias, práticas e utopias em meio a um mundo convulsionado". O evento evidenciou a necessidade de compreender os "movimentos de resistência" com foco em questões de gênero, raça, trabalho, moradia, saúde, desemprego, sexualidade, cultura e arte. Isso demonstra a tendência clara em direção à análise interseccional como um caminho necessário nos estudos urbanos.



Destaques importantes na XVII edição incluíram a mesa<sup>4</sup> com o tema “Das violências contra os sujeitos à violência da urbanização desigual: relações de classe, gênero, raça e lutas por identidades e direitos nas cidades”, que enfatizou a importância de compreender as diversas formas de violência que surgem da urbanização desigual. A mesa destacou a necessidade de compreender as violências de gênero, raça e classe em suas múltiplas intersecções e a importância da luta pelos direitos sociais nas cidades para combater as desigualdades.

A mesa 8<sup>5</sup> intitulada “As utopias concretas no urbano: experiências, justiça espacial e direito à cidade” na qualidade de mesa de encerramento, promoveu um debate crítico sobre utopias experimentais e espaços de esperança. Isso foi feito com base em diferentes formas de luta anticapitalista, justiça espacial e direito à cidade no Brasil e no mundo. A mesa apresentou experiências de projetos de vida urbana distintos percorridos por movimentos sociais, instituições e organizações que contestam a sociabilidade, a racionalidade e a espacialidade capitalistas. Eles refletem e agem por meio de lutas urbanas relacionadas a dimensões como educação popular, cultura, juventude, acessibilidade, luta contra o racismo e a violência de gênero.

Para a análise preliminar dos artigos aceitos na edição de 2022, foi utilizada a mesma metodologia, acessando os trabalhos aceitos para apresentação disponibilizados no site do evento e buscando pelos termos descritores, como "interseccionalidades," "raça/negro(a)," "gênero/mulher/homem," "corpos," "etnia," e "sexualidade." Os dados obtidos foram sistematizados e analisados, seguindo os procedimentos adotados nas edições anteriores, para verificar a presença da abordagem interseccional nos artigos apresentados.

---

<sup>4</sup> Debatedores da **mesa 5**: Alex Ratts (UFG), Renato Emerson dos Santos (UFRJ) e Silvia Lopes Raimundo (UNIFESP).

<sup>5</sup> Debatedores da mesa 6: Arlete Moysés Rodrigues (UNICAMP), Jorge Luiz Barbosa (UFF) e Tadeu Pereira Alencar Arrais (UFG)



**Quadro 03: Artigos do XVII SIMPURB por termos descritores**

<b>Descritor</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Grupo de Trabalho</b>	<b>Palavras-chaves</b>
interseccionalidade interseccional gênero racismo	2022	Rap como leitor da metrópole brasileira contemporânea: racismo, gênero e violência numa perspectiva interseccional	GT 15 – Território, conflitos e ativismos sociais urbanos	
Interseccionalidade Interseccional	2022	Interseccionalidade, sexualidade e identidade de gênero: um estudo exploratório sobre territórios e territorialidades da comunidade lgbti+ em Belo Horizonte	GT-6: Território e ativismos sociais urbanos	
Gênero	2022	A geografia, o cinema e as cidades cinemáticas: uma discussão a partir da teoria dos gêneros	GT 11 – Práticas culturais na produção da cidade	
Gênero	2022	Violência, gênero e sexualidade na produção do espaço: uma análise dos Crimes Violentos Letais Intencionais na periferia da Terra Firme (Belém-PA)	GT – 6: Território e ativismos sociais urbanos	
Gênero Sexualidade	2022	A territorialização do capital no Brasil e o risco ambiental e existencial para os pescadores artesanais: o início de um debate	GT 13 – Produção e reprodução do espaço urbano – teoria e prática	



Gênero Mulheres	2022	O direito à metrópole para as mulheres trabalhadoras que vivem em Colombo – Região Metropolitana de Curitiba	GT 10 – Mobilidade, migração e espaço urbano	
--------------------	------	--	--	--

Organizado pela autora: 2023

Dado que não houve disponibilidade para acessar os artigos completos publicados, a análise teve de se restringir aos títulos dos trabalhos. Nas pesquisas conduzidas nos anos de 2017 e 2019, procedeu-se à leitura dos resumos dos artigos que continham os termos descritores selecionados. Contudo, devido à limitação de análise exclusivamente dos títulos, a avaliação preliminar revelou que somente 6 dos 249 trabalhos publicados incluíram os termos descritores em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria interseccional tem ganhado crescente relevância nos debates acadêmicos e na produção do conhecimento geográfico, notadamente nas edições de 2017, 2019 e 2022 do Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Essa abordagem proporciona uma compreensão mais aprofundada das particularidades dos grupos subjugados na sociedade contemporânea, os quais são afetados por múltiplos marcadores sociais, incluindo classe, gênero, sexualidade, raça e etnia.

É fundamental ressaltar que a interseccionalidade não pretende suprimir a importância da luta de classes, mas, ao contrário, busca incorporar outros marcadores sociais que desempenham papéis significativos na apropriação, produção e reprodução do espaço urbano. Além disso, a abordagem interseccional se propõe a compreender as particularidades dos grupos subjugados na sociedade contemporânea, marcada por características capitalistas, machistas, patriarcais, classistas e racistas.

Acredita-se que o crescente interesse pela interseccionalidade na geografia urbana brasileira promoverá o surgimento de novas pesquisas e debates sobre essas temáticas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e inclusiva da realidade urbana no Brasil. Esta evolução na pesquisa geográfica pode levar a políticas urbanas mais justas e igualitárias,

abercando de forma mais eficaz as desigualdades e injustiças presentes nas cidades do país.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 1ª ed São Paulo: Contexto, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**/ Roberto Lobato Corrêa. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.

LIBARDI, Guilherme. JACKS, Nilda. **Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático**. Signos do Consumo, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 3-13, 2020. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v12i2p3-13. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/174262>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MOUTINHO, Laura. **Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes**. Dossiê Antropologia, Gênero e Sexualidade no Brasil: **Balço e Perspectivas**, [s. l.], 2014.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. **Do espaço ao contraespaço: A luta antirracista decolonizando o urbano carioca in: Geografia urbana: cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos**. Org. BARROS, Ana Maria Leite; ZANTONELLI. Cláudio Luiz.; ALBANI,. - Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

ROCHA, Laís Bronzi. **Apontamos para Geografias Interseccionais: anarco(trans)feminismo, corpo e corporeidade em uma perspectiva decolonial**. *Ensaio De Geografia*, 8(17), 94-115. <https://doi.org/10.22409/eg.v8i17.52306> sugiro uniformizar como as demais, indicando o nome por extenso do/da autor/a

SERPA, Angelo. **Segregação e fragmentação, diversidade e desigualdade: Os grupos sociais invisibilizados pela colonialidade e as novas perspectivas em Geografia Urbana in: Geografia urbana: cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos** / organizado por Ana Maria Leite de Barros, Cláudio Luiz Zanotelli, Vivian Albani. - Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica**. In: SILVA, Joseli Maria. (Org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. 1 ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, v. 1, p. 93-114.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

RATTS, Alecsandro José Prudencio.; COSTA, Benhur Pinós da; ORNAT, Marcio Jose. **GEOGRAFIA E DIVERSIDADE: GÊNERO, SEXUALIDADES, ETNICIDADES E RACIALIDADES**. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)n, especial GT Anpege, v. 12, n. 229-244, ed. 18, 2016.

ROBAINA, Igor. **Sobre posicionalidade, escalas, decolonialidades e fronteiras**. Diálogos sobre outras possibilidades na Geografia Urbana in: **Geografia urbana: cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos** / organizado por Ana Maria Leite de Barros, Cláudio Luiz Zanotelli, Vivian Albani. - Rio de Janeiro: Consequência, 2020.